



Juventudes e o Mundo do Trabalho

2026

Pesquisa realizada pela Fundação Itaú
com apoio técnico do Datafolha
e do Instituto Locomotiva



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
--------------	----

DUAS METODOLOGIAS DE ANÁLISE	06
------------------------------	----

Pesquisa qualitativa	07
Pesquisa quantitativa	07

TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS	09
--	----

Inserção no mundo do trabalho e dupla jornada	10
Desigualdades na distribuição das oportunidades	12

Experiências, oportunidades e desafios no mundo do trabalho	16
Maneiras de se inserir no mundo do trabalho	18
O diferencial para uma boa oportunidade	19
Principais dificuldades na hora de buscar trabalho	19
O dilema da tecnologia	21
Fatores que dificultam manter-se no emprego	22
Competências socioemocionais na inclusão produtiva das juventudes	22

PAPEL DA EDUCAÇÃO E DAS REDES DE APOIO	24
---	----

Pouco diálogo entre escola e trabalho	26
---------------------------------------	----

PERSPECTIVAS	29
--------------	----

Saúde mental e qualidade de vida	30
Modalidades de trabalho e tendências futuras	32
O sentido do trabalho	34
Otimismo para o futuro	35

CAMINHOS PARA A INCLUSÃO PRODUTIVA	37
---------------------------------------	----

REFERÊNCIAS	42
-------------	----

ANEXO	44
-------	----

APRESENTAÇÃO





JOVENS BRASILEIROS

entre 16 e 29 anos



querem trabalhar em um ambiente sem pressão e estresse, mesmo se, para isso, for preciso aceitar um salário menor;



têm uma grande confiança em si mesmos e veem o futuro com otimismo;



questionam condições de trabalho desgastantes e, os que trabalham, acreditam que os próximos empregos serão melhores do que o atual;



procuram mais estabilidade hoje, ainda que com menos liberdade e autonomia, para que, daqui a alguns anos, seja possível ganhar a vida por conta própria e ter uma situação financeira melhor do que a atual;



e depositam na educação um grande valor para que o sucesso pessoal seja alcançado, porém olham para ela de maneira crítica, apontando desconexão entre a sala de aula e o mundo do trabalho.

Essas são algumas das percepções e expectativas dos jovens brasileiros, de acordo com o estudo **Juventudes e o mundo do trabalho**, realizado entre o final de 2025 e o primeiro semestre de 2026 pela Fundação Itaú, por meio do [Observatório Fundação Itaú](#) e do [Itaú Educação e Trabalho](#), com apoio técnico do [Datafolha](#) e do [Instituto Locomotiva](#).



Há muita esperança nas respostas dadas pelos entrevistados e também preocupações sobre o futuro. Os dados demonstram que as juventudes debatem de forma crítica e consciente questões que as incomodam, mostrando tensões e inseguranças mas também possibilidades.

Há, em certa medida, receio de se arrepender das escolhas feitas no presente, certa pressão social e preocupações derivadas das recorrentes transformações sociais contemporâneas, como a do futuro do mundo do trabalho com os avanços sociais e tecnológicos. No entanto, apesar dos desafios mapeados, as juventudes mantêm um forte otimismo em relação ao futuro: têm certeza de que sua situação financeira vai melhorar nos próximos anos e acreditam que alcançarão uma condição de vida superior à de seus pais.

Tais achados compõem os resultados trazidos neste relatório e oriundos dessa investigação, que teve como objetivo:



compreender, sob a ótica dos jovens, os sentidos atribuídos ao trabalho na atualidade, os fatores que influenciam suas escolhas profissionais e os principais atrativos e barreiras percebidos nos diferentes modelos de inserção no mundo do trabalho;



entender as percepções e os sentimentos relacionados à entrada e à permanência na vida profissional e suas expectativas em relação ao futuro;



e identificar oportunidades de atuação para a Fundação Itaú, sintonizadas com as demandas, prioridades e expectativas dos jovens brasileiros em relação ao trabalho.

Metodologia

DUAS METODOLOGIAS DE ANÁLISE

O estudo Juventudes e o mundo do trabalho foi estruturado em duas etapas: Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa.



Pesquisa qualitativa

Realizada com o apoio técnico do Instituto Locomotiva, esta etapa foi subdividida em dois momentos. No primeiro, além da análise de estudos já concluídos pela Fundação Itaú e parceiros (*links para os estudos analisados nas [Referências](#)*), foram feitas entrevistas em profundidade com especialistas¹ do setor privado, do setor público, da academia e da sociedade civil, a fim de apoiar a formulação das temáticas e elaborar as questões a serem investigadas.

No segundo, uma escuta online organizada em 16 grupos focais, compostos por seis a oito jovens cada um, permitiu mapear a trajetória profissional e as expectativas em torno dela, os desejos em relação à carreira e o sentido dado ao trabalho e às trajetórias educacionais. Cada encontro teve duração de duas horas.

Nos grupos, estavam representados jovens de todas as regiões do país, moradores de municípios de diferentes portes e de todas as classes sociais (*detalhes sobre a composição dos grupos e dados de perfil no [Anexo](#)*), bem como em situações de trabalho distintas (contratados de estágio, CLT, pessoas autônomas e pessoas que atualmente não trabalham). A amostra também contou com a presença de estudantes do Ensino Médio, da Educação Profissional e Tecnológica e da Educação Superior, concluintes ou não.

Pesquisa quantitativa

Realizada com apoio técnico do Datafolha, esta etapa levantou os fatores que influenciam as escolhas profissionais, os aspectos educacionais que atravessam essas escolhas, os atrativos e as barreiras percebidas nas diferentes maneiras de se inserir no mundo do trabalho. Foram 1.816 entrevistas pessoais e individuais em pontos de fluxo populacional, em uma amostra representativa dos jovens entre 16 e 29 anos, de todas as classes sociais, gêneros e raças, com questionários estruturados.

¹ Entre os entrevistados, destacamos a participação de Rodrigo Dib, Superintendente Institucional e de Inovação do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE); João Victor da Motta, Diretor do Departamento de Políticas de Trabalho para a Juventude do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); Fausto Augusto Jr., Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria (SESI); Marcus Barão, Chair do Youth20 (Y20); Bruna Brelaz, Presidenta do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve); e Sergio Firpo, Professor Titular do Insper, na Cátedra Affonso Celso Pastore.

Os dados foram coletados entre 11 e 23 de maio de 2026 e ponderados conforme a distribuição da população brasileira daquela faixa etária. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, considerando um nível de confiança de 95%. Em uma segunda etapa de campo, para efeito de complemento e comparação dessas investigações, algumas questões foram feitas a uma amostra representativa da população geral acima dos 16 anos, com o objetivo de compreender se questões que assolam as juventudes brasileiras na inserção no mundo do trabalho também são percebidas pela população de diferentes faixas etárias de modo mais amplo.

Neste relatório, concentramos as análises quantitativas em torno da escuta das juventudes, trazendo, de forma mais pontual, complementos em relação às percepções do restante da população sobre as mesmas temáticas ou indagações.

Perfil da amostra de **juventudes**

**1.816**

Entrevistados

**23** anos

Idade média

R\$ **4.973,00**

Renda familiar média



Escolaridade

11% Ensino Fundamental**64%** Ensino Médio**25%** Educação Superior

Modalidade de estudo

82% Ensino regular**11%** Educação de Jovens e Adultos (EJA)**5%** Parte no ensino regular e parte na EJA**2%** Não sabe

Representação **territorial**

**61%**
moradores
do interior**39%**
moradores de
capitais e regiões
metropolitanas

Raça/Cor

64% Preta + Parda**32%** Branca**2%** Amarela**1%** Indígena

Estado civil

74% Solteiro**32%** Casado ou morando
com companheiro**2%** Separado ou divorciado**1%** Indígena

Estado civil

64% Sem filhos**32%** Com 1 filho**2%** Com 2 filhos**1%** Com 3 filhos ou mais

Principais Resultados

TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS

Os resultados do estudo estão expostos a seguir, destacando os dados da pesquisa quantitativa, em diálogo, sempre que possível, com as escutas realizadas nos grupos focais qualitativos.



Inserção no mundo do trabalho e dupla jornada

A pesquisa quantitativa mostrou que 70% dos entrevistados trabalham² e 20% estão fora do mercado mas já trabalharam³. A inserção cresce conforme o nível de instrução: atinge 80% entre os jovens com Ensino Superior, mas cai para 68% no Ensino Médio e para 62% no Ensino Fundamental. Quando são observadas as respostas por classe social, é possível notar que o número daqueles que trabalham atualmente é maior nas classes A/B (76%), seguido pela C (72%) e D/E (63%). Jovens brancos têm maior taxa de ocupação (73%) do que jovens negros (69%), o que já evidencia disparidades sociais importantes na situação de trabalho das juventudes brasileiras.

Quando perguntados sobre outras atividades cotidianas para além do trabalho, 48% dos jovens afirmam que seguem estudando atualmente e 50% afirmam que cuidam da casa. O estudo é uma realidade maior entre os jovens das classes A/B (67%) e brancos (57%), frente a 48% e 32% das juventudes de classe C e de classe D/E, respectivamente, e a 44% de jovens negros. Já em relação aos que afirmam cuidar da casa, o cenário é inverso: entre aqueles de D/E, 54% exercem também essa atividade cotidiana, número igualmente mais elevado entre jovens negros (51%) se comparado àqueles de classe A/B (46%) ou brancos (47%)⁴. Atualmente, 20% dos jovens estão em busca de trabalho⁵.



Taxa de Ocupação

73% Jovens brancos

69% Jovens Negros



Atividades além do trabalho

48% Estudam

50% Cuidam da casa

² Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Quais destas atividades você realiza no seu dia a dia? »

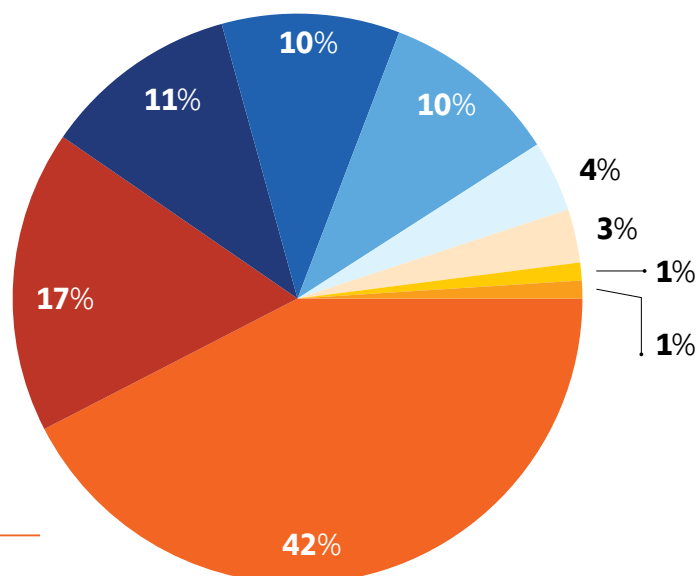
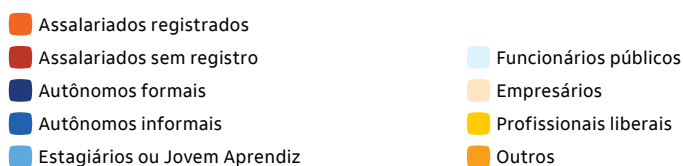
³ Pergunta de resposta estimulada e única « Você já trabalhou ou nunca trabalhou? »

⁴ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Quais destas atividades você realiza no seu dia a dia? »

⁵ Pergunta de resposta estimulada e única « Quando foi a última vez que você buscou uma oportunidade de trabalho? »

9 em cada 10 jovens entrevistados **trabalham** ou **já trabalharam**

Os tipos de ocupação estão detalhados no gráfico ao lado



Do mesmo modo que existem disparidades entre aqueles que também mantêm uma rotina de estudo frente àqueles que têm outras funções em casa, quando observamos o recorte de jovens que apenas trabalham, o cenário se inverte mais uma vez. Quanto menor o nível de instrução, maior o percentual: Ensino Fundamental (58%), Ensino Médio (43%) e Ensino Superior (20%). Além disso, essa situação é mais comum entre jovens que têm filhos (53%) do que entre os que não têm filhos (34%).

O estudo quantitativo também indica que 77% dos jovens que estão trabalhando já tiveram outras experiências profissionais e que 23% estão no primeiro emprego⁶.

Dos 77% dos jovens que estão trabalhando, 44% são assalariados com registro (CLT). Quanto mais novos, menor o grau de formalização: entre os jovens de 16 a 19 anos, 37% têm esse tipo de registro, frente a 44% entre aqueles de 20 a 24 anos e 47% entre os que têm de 25 a 29 anos. Além disso, o trabalho assalariado com registro é menos presente entre os jovens residentes na região Nordeste (20%) e mais comum nas regiões metropolitanas (47%), entre brancos (49%) e entre aqueles de classe C (49%).

Por outro lado, entre os jovens que declaram trabalhar como freelancers sem contribuição ou que fazem "bicos" (10%), é possível notar que, quanto menor o nível de escolaridade e de condição socioeconômica, maior é a informalidade: 34% dos jovens com Ensino Fundamen-

tal (contra 9% no Ensino Médio e 3% no Ensino Superior), 17% na classe D/E (contra 4% na classe A/B) e 12% entre negros (contra 5% entre brancos).



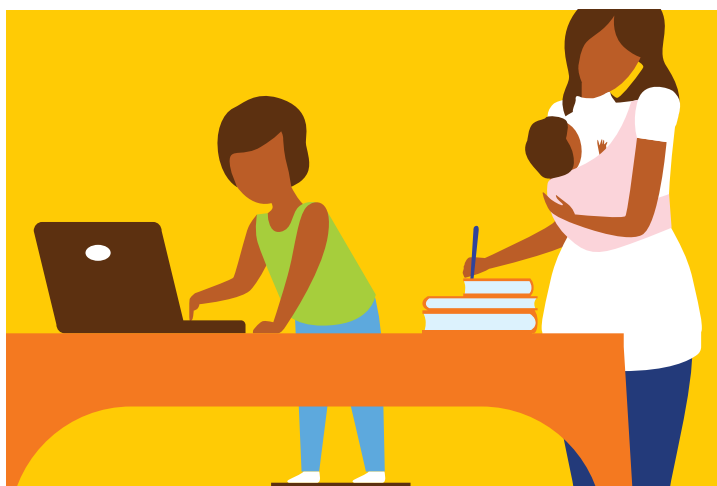
⁶ Pergunta de resposta estimulada e única « Esse é seu primeiro trabalho ou você já teve outras experiências profissionais? »

Desigualdades na distribuição das oportunidades

Embora o otimismo esteja presente em jovens de todos os perfis sociais – números que serão aprofundados mais adiante neste relatório –, há a consciência de que as oportunidades e os caminhos que precisam ser percorridos não são iguais para todas as pessoas. Na percepção dos jovens, diversos fatores influenciam – e muitas vezes determinam – o acesso a essas oportunidades ou a necessidade de fazer determinadas escolhas.

Entre os jovens que não trabalham, por exemplo, quando perguntados sobre os motivos pelos quais não estão trabalhando nem procurando trabalho, o fato de estarem estudando é o principal motivo apontado, sendo mencionado por 50% dos entrevistados que atualmente não estão no mercado de trabalho⁷. Apesar de os estudos serem essenciais para o projeto de vida e para o futuro dos estudantes, a pesquisa demonstra que, quando se observam esses dados nas diferentes classes sociais, a desigualdade fica evidente: nas classes A/B, por exemplo, o estudo como justificativa para não estar trabalhando é mencionado por 68%, frente a 51% na classe C e 49% nas classes D/E.

Além disso, 21% indicam a **necessidade de cuidar de familiares** e 15% a de realizar **atividades domésticas** como motivos para estarem fora do mercado. As desigualdades também se revelam quando esses dados são abertos nas categorias sociodemográficas. As atividades domésticas são citadas por 9% nas classes A/B e por 20% nas classes D/E. O cuidado de crianças, idosos ou outras pessoas é muito mais presente entre as mulheres (30%) do que entre os homens (8%).



Ser mulher parece representar um fator de desvantagem na distribuição das oportunidades: para os entrevistados nos grupos focais qualitativos, o fato de poder engravidar já acarreta em um peso maior contra as candidatas, e as que já são mães têm suas chances de contratação reduzidas, pois as entrevistas de emprego frequentemente incluem questionamentos sobre quem cuidará dos filhos, caso elas sejam admitidas, e como os horários serão administrados.

“A minha maior preocupação hoje em dia é pagar as minhas contas, entendeu? E manter a minha casa. E no trabalho que eu estava, eu fui praticamente obrigada a sair. E, assim, por eu ter duas filhas, eu não consigo estar pegando qualquer escala. Então, assim, fico um pouco frustrada porque a gente não pode pegar essa escala, que, no caso, no meu ponto de vista, é uma escala muito sangrenta, na qual a gente fica até domingo.”

Não trabalha, sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Capital e Região Metropolitana

Na amostra nacional, quando perguntadas se teriam com quem deixar os filhos para trabalhar ou fazer entrevistas, 42% das mulheres disseram ter alguma dificuldade para conseguir esse apoio – sendo que 19% não teriam nem ao menos com quem deixá-los⁸. Já quando respondem sobre o que é importante na hora de escolher um trabalho, apenas 13% acham que ter apoio no cuidado com filhos, casa, familiares doentes ou idosos é um fator de peso⁹.

⁷ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Por qual motivo você não está trabalhando nem procurando trabalho atualmente? Algum outro motivo? »

⁸ Pergunta de resposta estimulada e única por linha « Você tem com quem deixar seu(s) filho(s) para poder trabalhar ou participar de entrevistas? »

⁹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « De acordo com este cartão, quais desses fatores seriam mais importantes para você na hora de escolher um trabalho ou se candidatar a uma vaga? Você pode citar até 3 mais importantes. »

Quando perguntados sobre quais fatores já lhes dificultaram manter ou até mesmo conseguir um trabalho, 39% dos jovens que trabalham ou já trabalharam afirmam que o local de moradia, seja o bairro ou a região, é o que muitas vezes já lhes dificultou conseguir ou manter-se em empregos – na população em geral, esse índice é de 40%, o que se assemelha bastante à proporção observada entre as juventudes. A dificuldade decorrente do lugar onde se reside é mais percebida por mulheres (42%) e por jovens com apenas o Ensino Fundamental completo (50%), bem como por quem reside na região metropolitana (43%).

Na etapa qualitativa, os jovens mencionam que quem mora nas **capitais e regiões metropolitanas** ou próximo a áreas com maior concentração de empresas tende a ter **mais acesso a oportunidades** do que aqueles que vivem no **interior**, pois os **longos tempos de deslocamento** e os **custos de transporte** podem limitar a participação nos processos seletivos. Apesar disso parecer conflitante, os dados indicam diferentes percepções possíveis dependendo das dimensões e divisões territoriais, seja levando em conta a natureza do município, de modo mais amplo, ou as divisões entre bairros, de modo mais específico.

Ainda que existam diferentes obstáculos relacionados ao local de moradia e ao deslocamento, quando perguntados sobre os fatores mais importantes na escolha de um trabalho, a distância ou o tempo de deslocamento é mencionado por 15% entre os jovens¹⁰.



“Algumas pessoas têm o privilégio de poder não precisar fazer mais nada além de trabalhar. Outras pessoas têm dois filhos. Então, além de trabalhar, precisa cuidar dos filhos. Eu tenho a minha casa com a minha esposa, então, além de trabalhar, eu tenho que cuidar da minha casa. [Tem] até mesmo [preconceito] de cor. Por exemplo, no meu currículo, eu sempre coloco a minha foto, mas eu já ouvi algumas pessoas dizendo para eu tirar, porque algumas empresas são racistas mesmo, né? Algumas não [me] aceitariam por causa do meu cabelo, sabe? Então, assim, esse tipo de coisa, né, racismo, algumas pessoas brancas vão ter vantagem em detrimento de pessoas negras.”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

Preconceitos por fatores como raça, orientação sexual ou religião também foram relatados pelos jovens durante as escutas qualitativas. Além desses aspectos, há a percepção de que questões relacionadas à aparência e à criação de estereótipos, por exemplo, em relação a tatuagens, também impactam a seleção e a permanência no emprego. Na abordagem nacional, 11% dos entrevistados colocam a raça ou a cor da pele como um fator que dificultou conseguir ou manter-se em um emprego (na população geral, esse número sobe para 22%¹¹). É importante citar que, entre os jovens que já saíram de um emprego por vontade própria, 15% afirmam que o motivo foi terem sido alvo de comentários, piadas ou atitudes preconceituosas no ambiente de trabalho ou terem recebido tratamento diferente ou injusto devido a características pessoais como cor/raça, gênero, idade, orientação sexual ou local onde mora¹².

¹⁰ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « De acordo com este cartão, quais desses fatores seriam mais importantes para você na hora de escolher um trabalho ou se candidatar a uma vaga? Você pode citar até 3 mais importantes. »

¹¹ Pergunta de resposta estimulada e única por linha « Com que frequência cada um dos fatores já dificultou conseguir trabalho ou manter-se no trabalho? »

¹² Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Você já saiu de um trabalho por vontade própria por algum destes motivos? »

Embora as desigualdades de oportunidade marquem as trajetórias profissionais, em todos os perfis ouvidos no estudo qualitativo, há relatos de experiências satisfatórias, desafios e dificuldades em relação ao trabalho. Entre os **fatores de satisfação**, aparecem as oportunidades com **remuneração justa** e compatível com as atividades desempenhadas, a **carga horária não extenuante** e a **flexibilidade de horários**

(tanto para quem é autônomo quanto para os contratados). Alguns jovens relatam a **possibilidade de crescimento** e de **negociação direta com o empregador**, a depender do vínculo empregatício mantido (por exemplo, entre os jovens que trabalham em empresas menores).

“Meu trabalho CLT não é o ideal para mim, mas tem flexibilidade, eu trabalho das 17:00 às 23:00, tenho 2 folgas na semana. Como é uma empresa menor eu consigo conversar com a dona. Se é aniversário de um dos meus filhos, eu consigo faltar. Então, momentaneamente, enquanto eu alcanço o meu objetivo, que é a faculdade e o estágio, eu gosto do meu trabalho.”

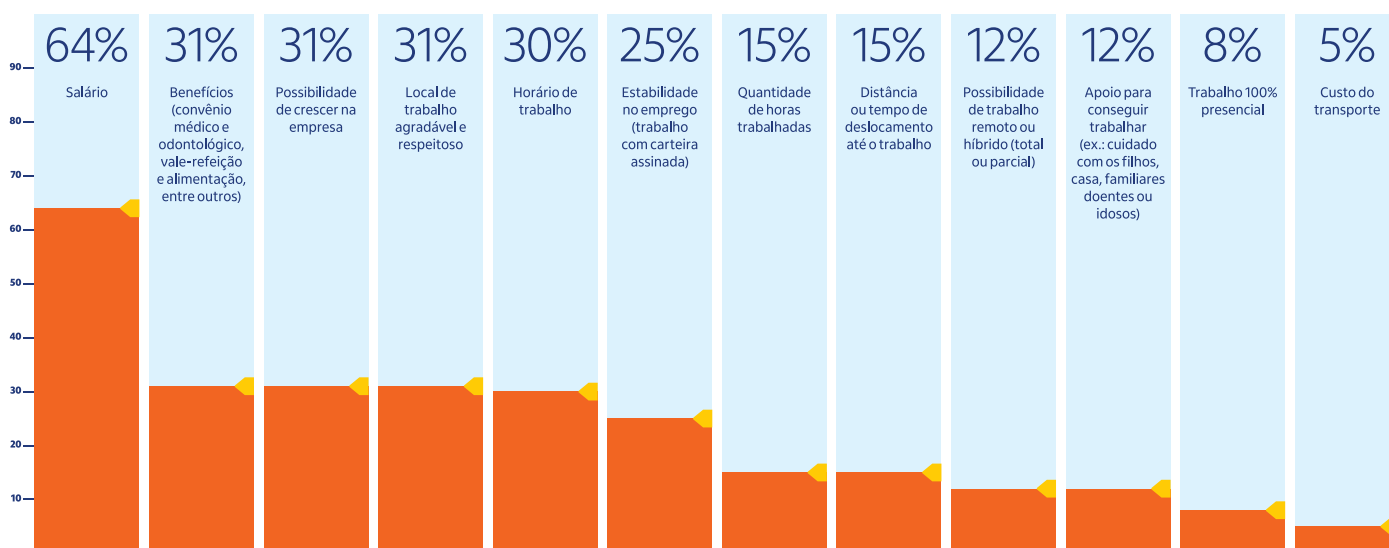
CLT (micro ou pequena empresa) com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

Já no caso daqueles que ocupam posições em empresas maiores, a possibilidade de **planos de carreira estruturados** também foi mencionada. **Os trabalhos presenciais próximos à residência, remotos ou em regime híbrido** são citados de modo favorável, assim como um **ambiente de trabalho saudável e acolhedor, lideranças empáticas, colegas colaborativos e relações respeitadas**.

Tais menções favoráveis dialogam com muitas das prioridades elencadas pelas juventudes na escolha de um trabalho, conforme gráfico a seguir.

Prioridades na escolha do trabalho

% de jovens de 16 a 29 anos



P.31 « De acordo com este cartão, quais desses fatores seriam mais importantes para você na hora de escolher um trabalho ou se candidatar a uma vaga? Você pode citar até 3 mais importantes. » Base: Jovens (16 a 29 anos) – Total da amostra: 1.816 entrevistas



Esses dados são complementados pelas escutas qualitativas, nas quais, entre as experiências não satisfatórias elencadas, figuram o **salário baixo**, as **jornadas extenuantes**, os **turnos atípicos e desgastantes**, o **acúmulo de funções**, a **rigidez no horário**, os **longos deslocamentos** e os **ambientes tóxicos**, com cobranças, exigências e humilhações.

Por outro lado, existem **condições desfavoráveis** que acabam transformando o trabalho em fonte de opressão, sendo que muitas delas se opõem ao elencado nas condições favoráveis observadas no estudo. Entre os jovens que estão trabalhando ou já trabalharam, 69% já saíram de algum trabalho por vontade própria. A falta de respeito ou o tratamento inadequado de lideranças ou chefias foi o principal motivo (43%) citado pelos entrevistados. Longas jornadas e acúmulo de função (36%), além de cobranças excessivas (32%) e falta de plano de carreira (28%), aparecem na sequência¹³.

“Trabalhava em loja e meta de vendas é um serviço muito escravo (...) e acaba sendo muito sofrido. (...) não tinha vida, eu não conseguia fazer nada, era faculdade-trabalho, não sobrava dinheiro pra comer um lanche, não conseguia comer comida direito no shopping, eu almoçava salgado (...) todos os dias (...), acaba traumatizando bastante.”

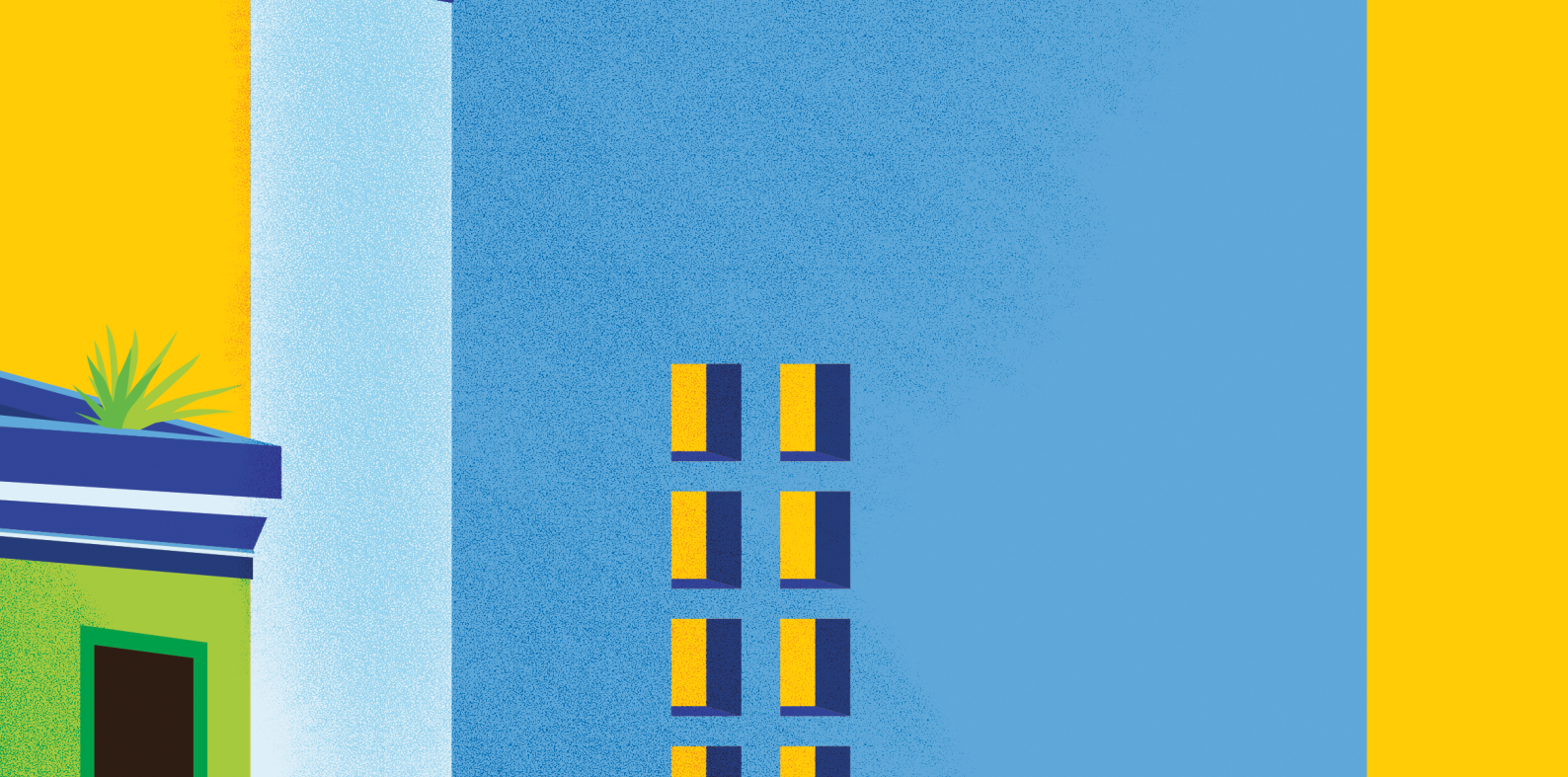
Autônomo, com Educação Superior
ou Curso Técnico, Classes D/E,
Capital e Região Metropolitana

69%

dos jovens que trabalham ou já trabalharam afirmam que já deixaram um emprego por vontade própria.



¹³ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Você já saiu de um trabalho por vontade própria por algum destes motivos? trabalho? »



Experiências, oportunidades e desafios no mundo do trabalho

A busca por trabalho é realidade para a maioria dos jovens brasileiros. De acordo com a pesquisa, **61% procuraram emprego no último ano**, sendo que, desses, 20% estão buscando atualmente e 29% buscaram nos últimos seis meses¹⁴. Entre os que vivem em regiões metropolitanas, a procura é ligeiramente mais frequente (63%) do que entre aqueles que residem no interior (59%).

Pessoas mais novas, na faixa de 16 a 19 anos, concentram a maior procura (69%); além dessas, jovens com Ensino Fundamental completo (70%) ou das classes D/E (65%) são os que mais buscaram emprego no último ano. Por outro lado, o percentual diminui entre os jovens de 25 a 29 anos (49%) e entre os pertencentes às classes A/B (55%), ainda que também seja significativo e represente aproximadamente metade das juventudes de cada um desses perfis.

A pesquisa qualitativa complementa esses dados e mostra que as trajetórias profissionais da população jovem brasileira apresentam **tendências opostas entre os mais pobres e os mais ricos**. No caso dos que vêm de famílias das classes A/B, o ingresso no mundo do trabalho é mais tardio e o número de empregos ao longo da carreira é menor; enquanto, entre os jovens das classes D/E, a procura e o ingresso no mercado de trabalho acontece mais cedo, o que pode acarretar em um número maior de empregos ao longo da vida.

¹⁴ Pergunta de resposta estimulada e única « Quando foi a última vez que você buscou uma oportunidade de trabalho? »

Isso dialoga com o fato que a amostra nacional quantitativa explora: a procura de um emprego no último ano foi menor para as juventudes de classes sociais mais altas – entre as classes A/B, foi de 55%, frente a 61% da C e 65% das D/E.

Como exceção positiva mencionada durante as escutas, figura o programa Jovem Aprendiz, que oferece boa remuneração em relação



“Eu tinha 21 anos e entrei em um estágio pela faculdade, eu fui efetivada e continuei na empresa, estou até hoje.”

**CLT, com Educação Superior
ou Curso Técnico, Classes A/B**

“Eu comecei com 14 anos, meu tio tinha uma barraquinha de comida e fui para ajudar ele e o pessoal que trabalhava do lado dele gostou de mim e eu trabalhei para alguns também, depois eu fui trabalhar na prefeitura, depois eu fui de jovem aprendiz, operador de caixa e depois fui demitido e entrei na empresa que estou até hoje.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

“Eu já estive nesse local de aceitar qualquer coisa, Assim, eu sei que eu preciso do dinheiro pra me manter, né? Mas eu não tenho mais essa disposição e aceitar qualquer tipo de coisa e estar me submetendo a essas vagas que escravizam a gente mesmo, de certa forma, sabe? Pra pagar um salário muito baixo do que aquela função merece, sabe? Então, eu não quero mais estar nesse lugar.”

Não trabalha, sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Capital e Região Metropolitana

à carga horária e possibilita a vivência em grandes empresas. Na análise quantitativa, a maioria dos jovens (96%) acredita que essa é uma boa alternativa para quem não tem experiência, sendo um caminho importante para conseguir o primeiro emprego para 93% dos entrevistados. Contudo, 65% afirmam ser difícil conseguir vagas tanto no Jovem Aprendiz quanto em bons estágios, e 64% têm a percepção de que estagiários e jovens aprendizes dificilmente são efetivados na própria empresa em que atuam¹⁵, percepção ligeiramente maior entre jovens negros e de classes sociais mais baixas.

23%
dos brasileiros de 16 a 29
anos já trabalharam como
Jovem Aprendiz

29%
dos brasileiros de 16 a
29 anos já trabalharam
como estagiário.¹⁶

“Comecei com 13 anos entregando panfletos. Depois, com 16 anos, quando eu estava terminando o Ensino Médio Técnico, eu fui recepcionista num hotel, porque eu fiquei um bom tempo lá, acho que durou quase dois anos, que era numa carga horária muito, muito exaustiva. Acho que eu entrava às 23h30 e saía às 6h30 da manhã, eu já ia direto para a aula, para o colégio. O Ensino Médio era integrado ao Técnico, então eu fazia os dois ao mesmo tempo. E nisso durou uns dois anos, assim, que eu decidi sair. Depois que saí, fui para a faculdade, e aí comecei o estágio também.”

**Não trabalha, com Educação Superior
ou Curso Técnico, Classes D/E, Interior**

¹⁵ Pergunta de resposta espontânea e única por linha < Vou ler algumas frases sobre estágio e o programa Jovem Aprendiz para que me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Totalmente ou em parte? >

¹⁶ Pergunta de resposta espontânea e única por linha < Você já trabalhou como... >

Maneiras de se inserir no mundo do trabalho

Entre os jovens que já buscaram alguma oportunidade de trabalho, cerca de 7 em cada 10 (68%) já fizeram essa busca **presencialmente** – e ir até o local de trabalho é o principal canal utilizado por eles e também o mais efetivo: 50% relataram que foi assim que conseguiram uma oportunidade. As redes sociais e os grupos de mensagens ocupam o segundo lugar, sendo usados por 56% dos entrevistados, seguidos pelo LinkedIn (37%). Entretanto, essa última opção destaca-se por apresentar a maior proporção de usuários que recorreram à plataforma mas não obtiveram sucesso em conseguir trabalho (28%).¹⁷ Os jovens brancos, com maior escolaridade e nível socioeconômico, residentes em regiões metropolitanas, são os que mais utilizam as ferramentas digitais e formais, como o LinkedIn, os sites de vagas e as plataformas de estágio.

Buscar apoio em mentorias, programas sociais ou cursos online para inserir-se no mundo do trabalho não tem sido uma alternativa muito frequente entre os jovens. Apenas 1 em cada 4 (24%) afirma ter participado desse tipo de atividade, sendo que os cursos mais citados por eles como alavancadores de oportunidades são os de informática, como computação, programação ou redes (11%).¹⁸



24%

dos entrevistados participaram de atividades de mentoria, programas sociais ou cursos online como forma de ajuda para conseguir trabalho.

A percepção é de que a entrada no mundo do trabalho é apoiada, sobretudo, pelas redes de relacionamento. A **família** é mencionada como a principal fonte (46%) para ajudar o jovem a entender como iniciar uma trajetória profissional, seguida de **amigos ou conhecidos** (40%). Além disso, e também corroborando a importância deste vínculo, 46% afirmam ter recebido apoio emocional da família na sua trajetória profissional¹⁹. O **incentivo dos familiares ao estudo** antes de se começar a trabalhar é realidade para 43% dos jovens, enquanto 30% declaram que receberam **apoio financeiro**. Contudo, 6% afirmam que faltou apoio dos familiares, o que também foi mencionado nas escutas qualitativas quando os jovens falavam de pressão familiar ou mesmo necessidade de comparação.



Influência da família na trajetória do trabalho

46%	receberam incentivo e motivação e foram escutados pelos familiares.
43%	foram incentivados a estudar antes de trabalhar.
30%	tiveram apoio financeiro.
27%	foram indicados por familiares para alguma ocupação.
22%	tiveram a família como exemplo.
20%	tiveram incentivo para trabalhar cedo para ajudar na renda familiar.

A inserção no mundo do trabalho também é marcada por **receios e expectativas em relação à situação financeira**: 61% dos entrevistados de 16 a 29 anos têm receio de não conseguir pagar as contas nem ter uma vida tranquila no futuro²⁰. No caso da população geral, esse percentual é de 68%, mostrando que, para a juventude, essa é uma preocupação menos presente. Quando perguntados sobre a perspectiva futura, 88% dos jovens acham que vão conquistar uma condição financeira melhor do que a dos pais; entre pessoas de classes sociais mais baixas, essa percepção de ascensão é maior (91%) do que entre as classes sociais mais altas (83%).

¹⁷ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < Vou ler uma lista de locais onde as pessoas costumam buscar oportunidades de trabalho. Para cada um, me diga se você já utilizou e conseguiu trabalho por este meio, já utilizou mas não conseguiu trabalho ou nunca utilizou. >

¹⁸ Pergunta de resposta única < Você já participou de mentorias, programas sociais ou cursos pela internet para ajudar a conseguir trabalho? > Pergunta de resposta múltipla – < Qual? >

¹⁹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < De que forma sua família influenciou sua trajetória de trabalho? >

²⁰ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Vou ler algumas frases sobre a expectativa do futuro e estabilidade financeira para que me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Você concorda ou discorda? Totalmente ou em parte? >

O diferencial para uma boa oportunidade

Na pesquisa quantitativa nacional, os jovens afirmam que **ter experiência profissional** é o aspecto mais importante para conseguir uma boa oportunidade de trabalho: 55% acreditam ser esse o principal diferencial no momento da seleção de candidatos. **Ter capacidade de se comunicar bem (51%)** e **ter cursos ou formações técnicas (40%)** também são características importantes. Outros aspectos educacionais mais específicos, como ter um **diploma universitário (15%)** ou mesmo ter **conhecimento de outro idioma (10%)**, foram menos mencionados²¹.

A esses fatores, soma-se o poder da **indicação**: 96% dos jovens brasileiros acreditam que conhecer alguém na empresa ou ser indicado por um familiar ou um amigo faz diferença para conseguir um emprego atualmente. Dos que trabalham ou já trabalharam, 77% afirmam que já conseguiram uma vaga de emprego por indicação²².

Principais dificuldades na hora de buscar trabalho

Em qualquer área que o jovem escolha para trabalhar, existem barreiras que podem dificultar a busca por uma colocação. Entre as mais citadas na pesquisa, estão²³:

FALTA DE EXPERIÊNCIA

Para 49% dos jovens, a experiência profissional é uma exigência que dificulta as oportunidades de conseguir um trabalho. Os jovens ouvidos no estudo qualitativo complementam que, ao não encontrarem vagas condizentes com sua experiência ou formação, eles têm medo de se sujeitar a condições de trabalho indesejadas.

GRANDE CONCORRÊNCIA

39% dos jovens afirmam que o mercado é muito disputado. A concorrência é percebida com mais frequência por jovens que vivem nas regiões metropolitanas (42%), por mulheres (41%) e por jovens com Ensino Superior (48%).

DESLOCAMENTO/ DISTÂNCIA ATÉ O TRABALHO

Longos deslocamentos até o trabalho, de acordo com 28% dos jovens, representam uma condição que dificulta manter-se ou ingressar em um emprego.

“Eu não acho que seja difícil conseguir um emprego, um estágio, eu consegui por conta de contato com professores na faculdade, já estou no meu segundo estágio, mas eu acho que muitas vezes é mais difícil você conseguir uma coisa boa. Tem bastante oportunidade em São Paulo, mas não tem aquela oportunidade dos sonhos.”

CLT, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes A/B

“... e lá também [no trabalho] eu tive a oportunidade de ter o QI né, o quem indica, porque as pessoas viram que eu tinha capacidade e hoje muitos projetos que eu tenho vieram de indicações de pessoas dali. Então o meio acadêmico foi muito importante.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

²¹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < Qual desses itens você considera o mais importante para conseguir uma boa oportunidade de trabalho atualmente? Indique até 3 mais importantes. >

²² Pergunta de resposta estimulada e única < O quanto você acredita que ter uma indicação, isto é, conhecer alguém na empresa, ter uma indicação de um familiar ou de um amigo, faz diferença para conseguir emprego atualmente? Você já conseguiu trabalho por indicação: mais de uma vez, uma vez ou nunca? >

²³ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < De acordo com este cartão, pensando na sua situação atual, quais são as principais dificuldades para conseguir um trabalho? Escolha até três. >

FALTA DE QUALIFICAÇÃO OU PREPARO

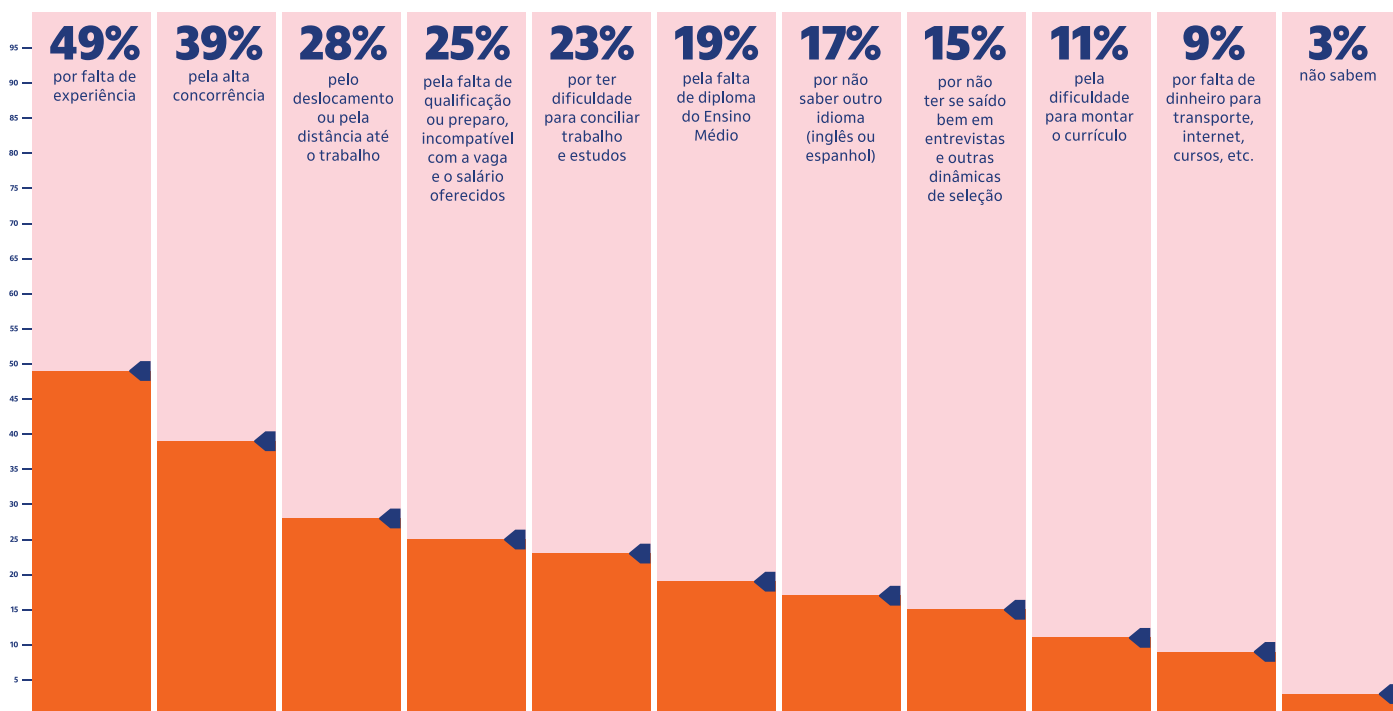
25% dos jovens afirmam que é difícil conseguir um trabalho sem qualificação ou preparo. Os entrevistados nos grupos focais reforçaram que o êxito profissional ou financeiro só virá se forem feitas escolhas certas e se houver independência financeira e qualificação para se desenvolver profissionalmente. O déficit de qualificação pode ser interpretado como falta de formação universitária ou técnica e também como falta de conhecimentos práticos para a realização do trabalho. Para 90% dos jovens, aprende-se mais na prática cotidiana do que estudando, e 91% consideram os cursos técnicos e profissionalizantes como um caminho rápido e eficiente para conseguir um emprego.

CONCILIAÇÃO ENTRE TRABALHO E ESTUDOS

Um em cada quatro jovens entrevistados (24%) afirma que há dificuldade de conciliação entre os tempos de trabalho e de estudo, sendo esse também um fator que compromete as oportunidades de conseguir um trabalho.



Principais dificuldades citadas pelos jovens para conseguir trabalho²⁴



²⁴ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « De acordo com este cartão, pensando na sua situação atual, quais são as principais dificuldades para conseguir um trabalho? Escolha até três. »

O dilema da tecnologia

As dificuldades de inserção no mercado de trabalho podem ser potencializadas pela presença da tecnologia no mundo do trabalho: 50% dos jovens têm receio de perder oportunidades de emprego por causa da **substituição de funções por sistemas automatizados** ou pela **inteligência artificial**, tendência que, para 90% dos jovens, pode acontecer nos próximos anos.

O receio da perda de postos de trabalho por conta da inserção das tecnologias é maior entre aqueles que têm menos escolaridade: entre os jovens com Ensino Fundamental completo, o índice é de 62%, indo para 51% entre aqueles com Ensino Médio e para 41% entre aqueles com nível superior.

Apesar dos receios observados, **97% dos jovens usam a internet e as ferramentas digitais para aprender coisas novas e 97% acreditam que a tecnologia pode ajudá-los a crescer profissionalmente²⁵**, percentual que atinge níveis de totalidade nas classes A/B (99%) e é um pouco menor nas classes D/E (94%).

Temem perder oportunidades de trabalho **por causa da tecnologia**

62% dos jovens que têm o Ensino Fundamental completo.

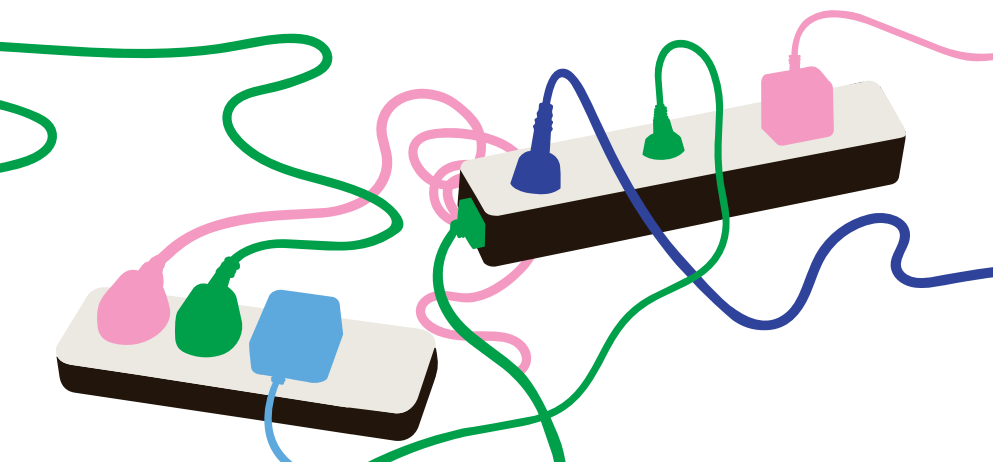
51% dos jovens que têm o Ensino Médio completo.

41% dos jovens que têm Educação Superior completa.



“A gente tem muitas incertezas, justamente porque o mundo está mudando muito rápido, aí fica pensando se vou estar preparado para o mercado de trabalho, para as novas exigências que vão surgir, o mundo está totalmente digital e a gente pensa que está ficando para trás, e fica uma incerteza: será que eu vou dar conta, o que será que vem pela frente de novo, eu estou fazendo um curso aqui e amanhã já está surgindo um curso totalmente diferente, essas incertezas que pegam a gente. Realmente a gente não sabe de nada do que nos aguarda.”

Autônomo, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Capital e Região Metropolitana



²⁵ Pergunta de resposta espontânea e única por linha < Vou ler algumas frases sobre o impacto das tecnologias e inteligência artificial, para que me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Totalmente ou em parte? >

Fatores que dificultam manter-se no emprego

O bairro ou a região onde se mora já tinha aparecido como um dos fatores de desigualdade na distribuição de oportunidades de trabalho e volta aqui como o que mais dificulta ao jovem conseguir ou manter-se em um emprego, sendo citado por 39% dos entrevistados. Na sequência, aparecem a idade (33%), o fato de ter filhos ou responsabilidades familiares (21%) e a aparência física (21%). Questões de gênero (17%), raça (11%) e deficiência (9%) também foram mencionadas, ainda que em menor proporção²⁶.

Ter uma rede de apoio também é novamente mencionado. Dois em cada três entrevistados que trabalham e têm filhos relatam que têm com quem deixar as crianças para trabalhar ou participar de entrevistas de emprego. Entretanto, essa facilidade ocorre para 79% dos homens que são pais e apenas para 58% das mulheres que são mães – reforçando a desigualdade estrutural de gênero. Da amostra total de jovens com filhos, um terço relata

33%

dos jovens que trabalham não contam com rede de apoio para o cuidado com os filhos²⁷, o que dificulta a manutenção do emprego.

algun nível de dificuldade para contar com uma rede de apoio. Essa constatação também foi feita nos grupos focais, especialmente pelas mulheres entrevistadas. A rede de apoio é, segundo elas, fundamental para manter o emprego.



Competências socioemocionais na inclusão produtiva das juventudes

Em relação à percepção de suas próprias competências, os jovens demonstram elevada confiança em sua capacidade de obter bons resultados no trabalho (86%), adaptar-se a novas funções (78%), manter o foco diante de dificuldades (75%) e aprimorar suas habilidades em qualquer tipo de tarefa (75%). Também demonstram interesse em seguir aumentando o repertório de conhecimentos (81%) e aprender sobre como um problema foi resolvido (80%).

Em contrapartida, o percentual cai quando questionados sobre tomar a responsabilidade para si em trabalhos em grupo (48%) ou mesmo sobre falar de forma assertiva sobre temas difíceis (45%).

Também afirmaram ter um planejamento para a vida (68%) e saber qual carreira condiz com seus interesses e habilidades (67%) e qual profissão pode ser mais van-

tajosa para si (63%).²⁸ Essas percepções são mais altas entre os entrevistados mais velhos, com maior escolaridade e maior nível socioeconômico.

Apesar de a autoconfiança ser um sentimento positivo e bastante consistente nas respostas da pesquisa quantitativa, os debates dos grupos focais mostraram que, quando se trata de refletir melhor sobre o momento de vida em que se encontram, há certo desconforto, mostrando-se os jovens desorientados e ansiosos em relação não só ao futuro, mas também ao presente. Insegurança na escolha da profissão, medo da competição (cenário em que a qualificação é cada vez mais exigida) e preocupação com a saúde mental são tópicos que afloraram com frequência – 62% dos jovens apontaram, na pesquisa quantitativa, que aceitariam receber um salário menor para trabalhar em um ambiente com menos pressão e estresse.

²⁶ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Com que frequência cada um dos fatores já dificultou conseguir trabalho ou manter-se no trabalho? >

²⁷ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Você tem com quem deixar seu(s) filho(s) para poder trabalhar ou participar de entrevistas? > – Soma de < Não teria com quem deixar > e < Sim, mas com dificuldade. >

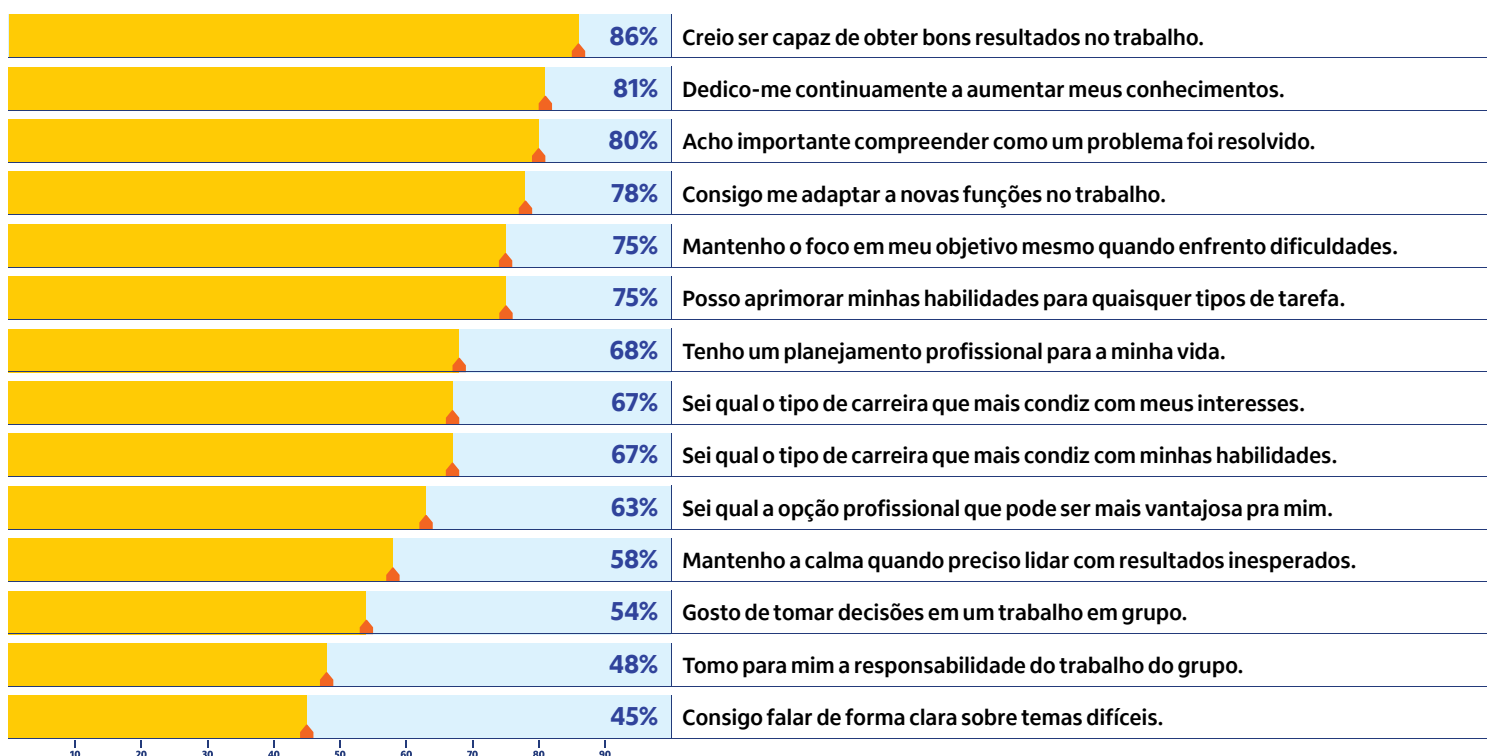
²⁸ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Vou ler algumas afirmações para que me diga o quanto cada uma tem a ver com você. >



“Minha mãe até hoje se submete a situações muito desgastantes, que extrapolam os limites dela, hoje em dia ela está melhor, mas eu vejo que ela sempre teve essa cultura de se expor a isso, como trabalhar até tarde, teve dias que eu cheguei em casa 11 da noite e ela ainda estava trabalhando, logada, eu sempre achei um absurdo, ou aguenta intrigas. Hoje as pessoas optam por trocar por um emprego que ganha-se menos, mas é um ambiente mais saudável, sem essa pressão, sem essa cobrança. Quando tem uma demanda eventual que tem que entregar alguma coisa e precisa ficar até um pouco mais tarde, eu fico numa boa, mas não é uma coisa com frequência, eu coloco meus limites.”

CLT, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes A/B

Percepções dos jovens sobre competências pessoais



Educação e apoio

PAPEL DA EDUCAÇÃO E DAS REDES DE APOIO



Papel da Educação e das redes de apoio

Na pesquisa nacional quantitativa, observou-se que 39% dos jovens apenas trabalham, 32% trabalham e estudam, 16% apenas estudam e 13% não trabalham nem estudam. Existem, portanto, 48% dos jovens estudando atualmente: 2% no Ensino Fundamental, 27% no Ensino Médio, 11% na Educação Técnica ou Profissional, 41% na Educação Superior, 6% na Pós-Graduação, 1% no EJA e 18% em algum curso livre²⁹.

Além dessa fotografia de onde as juventudes estão no momento, seja do ponto de vista do mercado ou dos estudos, o levantamento traz um dado de extrema relevância: 16% dos jovens de 16 a 29 anos realizaram pelo menos alguma parte de sua formação escolar básica na Educação de Jovens e Adultos (EJA)³⁰. Ao investigar o que motivou os jovens ao ingresso na EJA, destaca-se que a conclusão dos estudos para obtenção do diploma (43%) e a busca por inserção ou ascensão no mercado de trabalho (30%) são as principais razões para a retomada da Educação Básica. Entre aqueles que retomaram os estudos motivados pela inserção ou recolocação no mercado, a proporção é maior entre as mulheres (36%) do que entre os homens (24%).

Ainda no âmbito dos desdobramentos em relação à educação, das juventudes que se encontram na Educação Básica, 13% estudam em tempo integral³¹, ou seja, em jornadas de 6 horas ou mais por dia. Além disso, 37% do total de juventudes que estudam atualmente (em tempo integral ou

não) participam de outras atividades extracurriculares oferecidas pelas instituições de ensino (como projetos de pesquisa, esportes, atividades culturais ou cursos)³². Tanto entre as juventudes que atualmente estudam em escolas de tempo integral quanto entre aquelas que participam de atividades extracurriculares, essa presença é mais frequente entre jovens negros.

Nos grupos focais, quando exploradas as relações entre a educação e o trabalho, foi possível compreender, durante as conversas, que quem está trabalhando há mais tempo tende a apresentar uma relação ambivalente com os estudos: por um lado, uma ocupação remunerada deixa **menos tempo livre para o lazer e para os estudos**; por outro, há a percepção de que **estudar é importante**, pois os cargos mais valorizados são acessados por quem tem maior escolaridade.

“A gente está num momento que tem muita responsabilidade, a gente tem muita energia ainda, está numa idade legal, mas a gente também não quer viver só de trabalho, a gente sabe que o trabalho é importante, aí tem um milhão de oportunidades, tem dificuldade de escolher uma só, tem medo de estar escolhendo uma e abrindo mão de outras, ou de se frustrar e o lazer é difícil de conciliar com tudo isso, aí tem medo de focar numa carreira e enlouquecer, porque sabe que vai ter que se afastar de todo o resto.”

Autônomo, sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

²⁹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Que tipo de estudo você realiza atualmente? »

³⁰ Pergunta de resposta estimulada e única « Você fez ensino regular (curso normal) ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)? »

³¹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Você está matriculado em tempo integral, isto é, em uma escola que oferece seis horas ou mais de aula por dia? »

³² Pergunta de resposta estimulada e múltipla « Além das aulas, você participa de outras atividades oferecidas pela escola ou faculdade como projetos, apoio aos estudos, esportes, atividades culturais, cursos? »

Quanto maior o contexto competitivo, de exigências e incertezas no contexto contemporâneo, maior importância é dada à educação formal como estratégia de capacitação e proteção no mundo do trabalho: 85% dos entrevistados na pesquisa quantitativa concordam com a afirmação de que o **diploma é importante para conseguir trabalho** (ainda que, em outra questão, ele tenha sido menos mencionado quando posto em uma escala de prioridades, como já visto neste texto).

Por outro lado, há também a percepção, para 90% dos jovens, de que **se aprende mais na prática do que estudando**³³. Isso se reflete também na elevada percepção dos jovens (60%) de que a disponibilidade de cursos com conteúdos práticos deve ser priorizada, quando considerada a hipótese de existirem programas sociais para ajudar jovens a conseguirem trabalho. A conexão entre escolas e empresas é mencionada por 42% dos entrevistados. Outras assistências que poderiam ser promovidas por um programa social **seriam ajuda para conseguir o primeiro emprego** (37%), **acompanhamento e orientação** (36%) e **apoio financeiro** (bolsa, transporte) (33%).³⁴

Pouco diálogo entre escola e trabalho

Na pesquisa quantitativa, 57% dos jovens concordaram com a frase “O que aprendi na **escola** me preparou para o trabalho.” Entre os jovens com Ensino Fundamental, essa proporção é maior e cresce para 65% se comparada à daqueles que têm o Ensino Médio (56%) ou a Educação Superior (57%)³⁵.

É ainda mais expressiva a porcentagem de jovens entrevistados na pesquisa quantitativa que acreditam que ter diploma de Educação Superior é importante para conseguir trabalho: 85%. Essa percepção é maior entre jovens de classes mais baixas (87% das classes D/E) do que entre aqueles de classes sociais mais altas (83% das classes A/B).

Os jovens ouvidos nos grupos focais acham que a escola poderia ajudar mais na fase de decisão sobre o futuro profissional. Para os que ainda estão cursando o Ensino Médio, a escola não se preocupa em apresentar as **novas profissões** ou as diferentes possibilidades dentro de uma mesma carreira,

“...apesar de que muitas vezes a gente desanima porque percebe que tem pessoas que estudaram menos e estão num cargo melhor, porque tiveram indicação, o estudo é fundamental, porque foi por meio dos estudos que as portas se abriram para mim, que eu consegui contatos na faculdade. Então, é importante investir no estudo, que o resto aparece. E nunca parar de estudar, de se desenvolver, de buscar especialização dentro da área, porque o mercado de trabalho é muito competitivo.”

CLT, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes A/B



³³ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Vou ler algumas frases e, pensando na sua formação (escola e faculdade), me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Totalmente ou em parte? >

³⁴ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < Se existisse um programa para ajudar jovens a conseguir trabalho, o que ele deveria ter para realmente ajudar você? >

³⁵ Pergunta de resposta estimulada e única por linha < Vou ler algumas frases e, pensando na sua formação (escola e faculdade), me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Totalmente ou em parte? >

nem mesmo em apoiá-los com uma **orientação profissional** – o que, às vezes, acaba acontecendo pela iniciativa um pouco mais fragmentada de alguns professores. Na investigação nacional, 2 em cada 10 jovens (21%) afirmaram que a escola ou os professores foram os que mais os ajudaram a entender como entrar no mercado de trabalho. Eles também demonstram saber que ter o Ensino Médio concluído é um requisito mínimo e que a formação técnica ou superior amplia suas chances.

91%

dos jovens acreditam que ter formação técnica ou profissionalizante é um caminho mais rápido para conseguir emprego.

88%

dos jovens concordam que esse tipo de formação prepara melhor para o trabalho do que o ensino tradicional.

Entre os grupos focais, a formação técnica ou superior é vista pelos jovens como algo que amplia suas chances, percepção que é corroborada pelo estudo quantitativo: a **formação técnica ou profissionalizante** é, para 91% dos jovens entrevistados, uma forma mais rápida de conseguir um emprego; 88% concordam que esse tipo de formação prepara melhor para o trabalho do que o ensino tradicional; e 86% acreditam que ter diploma técnico ou profissionalizante é um diferencial valorizado pelas empresas.

“Ter um diploma sempre faz você alcançar lugares. Se você tem experiência, mas não tem diploma, muitas vezes você nem é chamado e mesmo para crescer na empresa, ter um diploma é importante, senão você não conquista mais coisas.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

“A faculdade não é garantia de sucesso, mas ela é um dos caminhos, você nunca vai perder por fazer uma faculdade. E você tendo um diploma você está muito à frente de muita gente ainda. O diploma por si só não é suficiente, mas ele te diferencia de muita gente.”

Autônomo, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes A/B, Capital e Região Metropolitana

“A escola não preparou. Pelo menos, eu estudei em escola pública, no Ensino Médio, e não, eles não preparam pro mercado de trabalho. Eu acho que nem pra faculdade em si.”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

“O estudo teve um peso muito significativo, principalmente porque eu fiz um técnico de edificações antes de entrar na faculdade de Arquitetura, eu fiz uma pesquisa das escolas técnicas, qual a melhor para entrar e tudo o que eu aprendi eu utilizei na faculdade uso no meu dia a dia hoje...”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E



Para aumentar o diálogo entre escola e mundo do trabalho, os grupos focais qualitativos trouxeram sugestões interessantes das juventudes, que dialogam bastante com os dados coletados na amostra representativa apresentada ao longo deste material, visto que uma formação que dialoga com o mundo do trabalho é considerada de alta importância. Nas falas, foram observadas necessidades de aprimoramento como:

apresentar melhor as profissões,
indo além do básico e do tradicional;

explicar o dia a dia do trabalho, as áreas de atuação e as opções possíveis dentro de uma mesma profissão;

orientar escolhas profissionais de forma contínua e não pontual;

oferecer informações claras sobre os cursos técnicos e as faculdades públicas e privadas, as formas de ingresso no mercado, as políticas públicas e os subsídios que possibilitam a permanência nos cursos, e os requisitos e as competências importantes nas diversas áreas e carreiras (o que estudar, quais experiências buscar, o que pode ajudar na trajetória profissional);

dar orientações práticas para a inserção no mundo do trabalho, ensinando como montar um currículo e comportar-se em entrevistas, e dar noções básicas do mundo do trabalho;

oferecer disciplinas voltadas ao trabalho, como empreendedorismo ou projeto de vida, ministradas por professores qualificados e com domínio do tema;

ofertar conteúdos como Educação Financeira e Finanças, úteis para a vida independentemente da carreira escolhida;

e divulgar vagas em monitorias e apoio pedagógico³⁶

“Eu acho que deveriam ser abertas mais vagas de estágio que, por lei, não cobrassem a experiência. Porque a gente, quem é estagiário tá ali pra se inserir no mercado. Então a gente precisa aprender, porque uma coisa é a gente aprender na faculdade, outra coisa é a gente aprender no mercado. São coisas completamente opostas, completamente diferentes, sabe?”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Interior

“Eu vejo muitos amigos meus falando que não sabem como se comportar numa entrevista de emprego. Que não sabem como ingressar no mercado de trabalho. Que não sabem como fazer, por exemplo, um currículo. Que eu acho que deveria ser algo ensinado pela escola. Algo simples. É algo simples, mas que poucos sabem.”

Estudante de Ensino Médio Integral

“Quando a gente é muito jovem a gente se sente muito perdido e muitas vezes não sabe o que quer fazer, como que funciona cada profissão e a escola muitas vezes funciona para lapidar o aluno muito para o meio acadêmico, ou então empurra para CLT como se fosse só isso que você pudesse fazer, e quem é mais da área criativa, manual, acaba se perdendo ali, fica um conflito, acaba pulando de profissão em profissão. Ter ações na escola, no Ensino Médio mostrando como funciona cada profissão, o que é trabalhado por elas eu acho que seria algo muito interessante.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

³⁶Por se tratarem de temas levantados nas escutas qualitativas, tais elementos não são representativos da população-alvo e não trazem possibilidade de aferição percentual.

Futuro

PERSPECTIVAS



Perspectivas

Neste bloco, vale mencionar quais fatores aparecem como mais importantes para os jovens no momento de escolher um trabalho ou se candidatar para uma vaga. Entre os principais mencionados estão o **salário** (64%), os **benefícios** oferecidos (31%) e a **possibilidade de crescer na empresa** (31%) – para a população geral, a ordem de escolha entre os entrevistados é a mesma, mas com alguma variação do percentual: salário (52%), benefícios (32%) e possibilidade de crescer na empresa (25%). A importância atribuída ao salário, item mais mencionado, aumenta conforme a escolaridade e o nível socioeconômico dos jovens: para aqueles com Ensino Fundamental (48%), essa proporção é menor do que para os jovens com Ensino Médio (64%) e com Educação Superior (70%). Do mesmo modo, essa priorização ocorre mais entre as juventudes das classes A/B (71%) do que entre as das classes C (66%) e D/E (54%).

Ter um **local de trabalho agradável e respeitoso** também figura entre as prioridades na hora de buscar uma vaga, fator mencionado por 31% dos jovens. Quando colocados diante de uma investigação sobre opções de trabalho que eles mais tendem a escolher, observa-se que 52% dos jovens preferem a estabilidade (mesmo que com menos liberdade ou autonomia), enquanto 44% apontam a autonomia (mesmo que com menos estabilidade)³⁷ como prioridade. Esse dilema, contudo, é atravessado por diferenças de gênero: mulheres demonstram uma predisposição significativamente maior pela busca por estabilidade (56%) do que homens (49%), por exemplo. Tais diferenças podem estar ligadas à sobrecarga de responsabilidades e problemas relacionados à ausência de redes de apoio, apresentando como mais factíveis os caminhos de inclusão produtiva com maior previsibilidade financeira, por exemplo. Trabalhar e ter estabilidade financeira também aparece de forma relevante nos diálogos dos grupos focais. Para os jovens, o trabalho é um meio para buscar essa estabilidade financeira, expressão entendida como uma combinação de previsibilidade de renda com uma vida um pouco mais confortável.

Saúde mental e qualidade de vida

Ter uma **boa saúde mental e qualidade de vida** está entre as prioridades apontadas no estudo quantitativo nacional. Fica evidente que, para os entrevistados, a saúde mental é fundamental para atingir suas próprias metas, sejam elas pessoais ou profissionais. Como já mencionado, 62% aceitariam ganhar um pouco menos em um ambiente de trabalho com menos pressão e estresse, frente a outros 38% que priorizariam o ganho salarial³⁸. Ao observar o nível de instrução dos respondentes, esses percentuais são maiores entre os jovens com Ensino Fundamental (73%) e menores entre aqueles com Ensino Médio (60%), com certo aumento entre aqueles com Educação Superior (64%).



³⁷ Pergunta de resposta estimulada e única « Pensando em uma escolha real entre duas opções de trabalho, qual você escolheria? »



Saúde mental e qualidade de vida

Além disso, entre os jovens que já saíram de algum trabalho na sua trajetória profissional, 43% declararam que a falta de respeito ou o tratamento inadequado por líderes ou chefes foram os principais motivos para os pedidos de demissão³⁹, como já mencionado neste relatório. A resposta é mais frequentemente dada por mulheres (48%) e pessoas brancas (48%) do que por homens (39%) e pessoas negras (41%). Esses dados se alinham às percepções trazidas nos grupos focais, nos quais os jovens dialogaram sobre ter atenção frente aos possíveis desequilíbrios entre vida pessoal e profissional, aos ambientes de trabalho tóxicos e às pressões do mercado.

91%

dos jovens aceitam ganhar menos para trabalhar em um ambiente com menos pressão e estresse.

88%

dos jovens já pediram demissão por falta de respeito ou tratamento inadequado por líderes e chefes.

“Eu sou uma pessoa que eu me cobrava muito. Hoje, eu, graças a Deus, dei uma freada nisso, e isso acabou gerando um estresse mental horrível pra mim e eu tava próximo de atingir metas e eu vi elas desabando porque a minha saúde mental desabou também. (...) Meu sonho sempre foi passar em concurso e eu passei minha adolescência toda estudando, estudando, estudando pra concurso e toda vez eu ficava, assim, entre terceira colocada e não dava certo. Isso me frustrava demais e eu fui adoecendo.”

Não trabalha, sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Interior

“Eu estou em busca de uma outra escala de trabalho mais flexível (...). Quero ter paz, sair um pouquinho, ir na academia, coisas que eu não consigo fazer hoje. Quando você está 6 dias na mesma empresa, fica mais tempo do que seu horário, traz um cansaço mental, psicológico, por isso tem muito caso de burnout.”

CLT (média ou grande empresa), sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

“Saúde mental é fundamental, eu não quero trabalhar em um ambiente que eu não me sinta bem, isso é o pilar, o ponto mais importante, porque se a gente está bem, a gente produz mais e tem satisfação para todos os lados. Eu já trabalhei em um lugar que acabou mexendo muito com minha cabeça e decidi que dali pra frente eu só trabalharia em empresa que o ambiente fosse leve (...) eu priorizo isso, um trabalho que me traga bem estar e saúde mental.”

CLT, Educação Superior ou Curso Técnico, Classes A/B

³⁸ Pergunta de resposta espontânea e única < Você aceitaria ganhar um pouco menos para trabalhar em um ambiente com menos pressão e estresse? >

³⁹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < Você já saiu de um trabalho por vontade própria por algum destes motivos? >

Modalidades de trabalho e tendências futuras

Na amostra nacional, quando os jovens foram indagados sobre as formas de trabalho que mais se aproximam do que eles querem atualmente, notou-se uma divisão entre aqueles que buscam um trabalho de carteira assinada (30%) – sobretudo entre as classes D/E (38%) e entre aqueles que têm o Ensino Fundamental (50%) – e aqueles que buscam um trabalho autônomo ou por conta própria (28%), fator preponderante entre os que moram no interior (32%) e os que têm filhos (36%). Em seguida, 23% dos jovens almejam empregos que tenham renda estável, mesmo que seja sem carteira assinada⁴⁰. Nas escutas dos grupos focais, os jovens levantaram vantagens ao falar do trabalho com contrato CLT, como salários mais elevados, participação nos lucros, mais autonomia e flexibilidade, pacote de benefícios mais robustos e possibilidade de ascensão profissional, tudo isso somado a um maior reconhecimento social e profissional. Por outro lado, questões como a carga horária rígida e a remuneração incompatível com as funções foram desvantagens mencionadas.

Apesar dos desejos atuais, quando indagados sobre o futuro próximo (cinco anos), essa tendência se movimenta: as possibilidades de ter um trabalho autônomo ou por conta própria são as mais sonhadas por 42% dos respondentes, sobretudo entre brancos (45%), moradores do interior (45%) e pessoas que têm filhos (50%); por sua vez, ter um trabalho com **renda estável**, mesmo sem carteira assinada, é um desejo de 24% dos jovens, sendo mais comum entre moradores das regiões metropolitanas (27%) e homens (27%); apenas 16% têm interesse em carteira assinada, escolha mais comum entre pessoas das classes D/E (23%) e negras (18%)⁴¹.

“O problema não é o CLT em si, é a forma que a empresa coloca, né? Que é como a gente falou, um valor muito baixo para uma carga horária muito grande, para muitas funções. Então, eu acredito que o problema não é ser CLT, é a forma que as empresas colocam pros CLTs. Que eles aproveitam um pouquinho da necessidade da pessoa de estar ali naquele emprego.”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

“Então, eu nunca pensei em fazer concurso. Nunca pensei em ser empreendedor. Acho que são coisas chatas, eu não sei explicar o porquê. Mas tá, olha só, empreendimento, pra mim, deve ser uma coisa muito complicada de organizar, administrar. Eu não gosto da administração, de ter que cuidar de papelada, não gosto de ter que resolver esse tipo de coisa. Então, acho que é algo que nem tem interesse em procurar saber como funciona. Outra coisa é concurso público. Duas vagas para 300 milhões de pessoas. Não quero. Então, acho que, no momento, o que eu penso, pra mim, é arrumar uma vaga CLT.”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

“Meu esposo é pintor autônomo, no verão ele trabalha o tempo todo, tem serviço de manhã, de tarde e de noite, se ele quiser, mas em compensação, no inverno, quase não tem trabalho, porque chove muito aqui e o pessoal não pinta a casa porque mancha. Eu optei em ser CLT para ter um salário fixo, porque quando meu marido está sem trabalho, o meu dinheiro serve como uma garantia.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

⁴⁰ Pergunta de resposta estimulada e única < Hoje, qual destas opções mais se aproxima do que você quer em relação ao trabalho? >

⁴¹ Pergunta de resposta estimulada e única < E nos próximos 5 anos, como você gostaria de estar em relação ao trabalho? >

Em relação ao empreendedorismo, nos grupos focais, ele foi caracterizado pela autonomia de gerir o próprio negócio, flexibilidade e possibilidade de concretizar um sonho pessoal a longo prazo. Por outro lado, questões como ausência de um salário fixo, necessidade de ter um capital inicial e alto nível de responsabilidade são levantadas como desvantagens.

“Eu quero focar na minha empresa de artes visuais, eu já faço projetos com a prefeitura, com o Sesc, se eu pegar dois projetos, eu não preciso trabalhar CLT, eu quero focar na empresa e trabalhar só com projetos. Eu já empreendo, porque para eu atender o Sesc eu tenho que ter uma ME [micro-empresa], eu vou sair da CLT para ganhar qualidade de vida, eu vou garantir minha renda, mas vou poder escolher os meus trabalhos e ter o controle total da minha agenda, dos meus horários, das minhas prioridades.”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

“Empreendedores pequenos parecem que não são tão valorizados, eu falo focando empreendedorismo de micronegócios, eu tô falando assim, pagamentos de imposto muito alto, sem falar que funcionários... sempre tem que administrar senão pode acabar falindo, então acho que é uma coisa legal, eu admiro muito as pessoas que são empreendedoras que tem essa coragem de botar a cara a tapa ali, empreender, mas é um negócio muito arriscado.”

Estudante de Ensino Médio parcial

Em outras duas modalidades exploradas, foram apontadas vantagens importantes. A primeira é a do Jovem Aprendiz ou o estágio. Apesar de ser considerada atualmente por 7% dos entrevistados para o momento atual⁴² e por apenas 2% para o futuro⁴³, os benefícios trazidos durante as escutas focais passam pelas afirmações de tal modalidade ser uma porta de entrada para o mundo do trabalho, uma alternativa factível para quem não tem experiência e uma possibilidade de criar uma rede de contatos, fator fortemente mencionado neste estudo como importante para a alocação no mundo do trabalho.

A segunda é o concurso público, que está no radar de apenas 12% dos jovens, sendo mais comum entre quem tem Ensino Superior (22%). O percentual aumenta na perspectiva para o futuro (cinco anos): opção de 15% da amostra, ainda mais acionada entre os que têm Ensino Superior (25%)⁴⁴. Quando mencionado nos grupos focais, trabalhar no serviço público foi colocado como um “sonho” por causa da estabilidade, da previsibilidade financeira, dos bons salários (dependendo do cargo) e da possibilidade de maior equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

“Eu acredito que [sendo] concursado, você tem uma estabilidade financeira pro resto da vida. Você só sai se for justa causa. É uma segurança que eu teria, assim, eternamente, né? Caso eu não tenha feito alguma besteira ou algo do tipo. O concurso público, ele seria ótimo.”

Não trabalha, sem Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Capital e Região Metropolitana

⁴² Pergunta de resposta estimulada e única « Hoje, qual destas opções mais se aproxima do que você quer em relação ao trabalho? »

⁴³ Pergunta de resposta estimulada e única « E nos próximos 5 anos, como você gostaria de estar em relação ao trabalho? »

⁴⁴ Pergunta de resposta estimulada e única « Hoje, qual destas opções mais se aproxima do que você quer em relação ao trabalho? »

O sentido do trabalho

O estudo qualitativo indica uma visão pragmática e racional sobre o mundo do trabalho: para os jovens, trata-se de um **meio de sobrevivência**, mas também de um espaço que pode trazer questões relacionadas à saúde mental ou a sujeições. Por outro lado, também é colocado como **fonte de reconhecimento, crescimento e realização pessoal**. Essas últimas impressões estão próximas de aspectos voltados à visão de otimismo em relação ao futuro, com suas expectativas e aspirações.



“Trabalho é para as necessidades básicas e para o dinheiro necessário para realizar alguns sonhos que eu tenho, como viajar, ir pra outros países, conhecer outros lugares, ir pra shows de artistas que eu gosto, fazer coisas que eu gosto. Por isso que quando eu penso em trabalho, eu penso em dinheiro. Porque pra mim, é a primeira relação, às vezes o seu sonho não é dinheiro específico. Mas, por exemplo, eu quero um bom futuro pros meus filhos, mas eu preciso do dinheiro para chegar nesse objetivo. Pode não ser o dinheiro em si, mas ele é um caminho, né?”

Não trabalha, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classe C, Capital e Região Metropolitana

“A gente cresceu tendo pai e mãe ausente, agora vê os pais se aposentando doentes, tomando remédio, então a gente pensa: eu não quero ser como os meus pais, eu não quero que a minha vida seja só trabalhar e que eu adoça trabalhando. Eu conheço pessoas que recusaram cargos de liderança porque não querem tanta responsabilidade, não querem alguém ligando para ela no meio da noite por questão de trabalho, para resolver uma pendência. Então eu acho que é por questão de saúde mental mesmo, saúde física, autopreservação.”

CLT (micro ou pequena empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E

“O comércio está tendo dificuldade de contratar jovens, mas exatamente porque a nossa geração é uma geração marcada por não aceitar somente o mínimo, por exemplo, trabalhar em uma escala 6 por 1 para receber R\$ 1.500,00 e ser humilhado por superiores. Já a geração antiga era humilhada por seus superiores e continuava no emprego. A nossa geração não aceita, é um ponto positivo porque a gente não abaixa a cabeça, mas é negativo porque os recrutadores olham e perguntam: por que toda hora você está trocando de emprego, o que está acontecendo? Mas é porque não se sujeita a humilhações.”

Autônomo, com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes D/E, Capital e Região Metropolitana

Otimismo para o futuro

O estudo quantitativo detectou que 46% dos jovens brasileiros de 16 a 29 anos estão otimistas em relação à conquista de uma boa oportunidade de trabalho nos próximos cinco anos⁴⁵. Essa percepção é maior entre os que moram no interior e os que não têm filhos e é menor entre aqueles que têm apenas o Ensino Médio. Entre os motivos para o otimismo, está a crença de que eles estarão **mais preparados** por terem graduação ou por continuarem os estudos (30%), terão **mais experiência prática** acumulada (29%) e terão **mais oportunidades de emprego** (22%). Em seguida, apenas 8% citam que a tecnologia será um motivo para conseguir uma boa colocação. Vale destacar que o restante se divide entre pessimismo (39%) e neutralidade (15%) em relação à possibilidade de conquistar uma boa oportunidade de trabalho nos próximos cinco anos.

Financeiramente, também há a percepção de melhora das condições: se apenas 52% sentem-se seguros em relação à estabilidade financeira atualmente⁴⁶, 91% acham que, daqui a cinco anos, a situação estará melhor⁴⁷, e 88% acreditam que terão uma condição financeira melhor do que a dos pais, demonstrando mais otimismo em comparação com a população geral (82%)⁴⁸. Os que não estudam nem trabalham demonstram mais insegurança: 43% sentem-se seguros atualmente e 82% acreditam que se sentirão mais seguros no futuro.

88%

acham que terão uma condição financeira melhor do que a dos pais, mas

61%

acreditam que não conseguirão pagar suas contas nem ter uma vida tranquila no futuro.

“A nossa geração eu acho que é a que mais estudou, mais fez faculdade, porque a gente sempre ouviu isso de que tinha que estudar, fazer faculdade para conseguir alguma coisa, mas a gente estudou, está chegando agora no mercado de trabalho e não é mais bem assim, está tudo muito competitivo e o salário não é tão atrativo como a gente imaginava. (...) então eu estou num momento que eu não sei que caminho eu sigo, se eu vou por aqui, onde estudei e sei que tem vaga – mas está também muito competitivo e ganhando pouco –, ou se tento investir em alguma coisa muito diferente”

CLT (média ou grande empresa), com Educação Superior ou Curso Técnico, Classes C/D/E



⁴⁵ Pergunta de resposta estimulada e única « Nos próximos 5 anos, você acredita que conseguir uma boa oportunidade de trabalho será muito mais fácil, mais fácil, igual, mais difícil ou muito mais difícil? »

⁴⁶ Pergunta de resposta estimulada e única por linha « Pensando na sua situação atual, o quanto você se sente seguro(a) em relação à sua estabilidade financeira? »

⁴⁷ Pergunta de resposta estimulada e única por linha « E pensando nos próximos cinco anos, como você acredita que sua situação financeira estará: melhor, igual ou pior do que a atual? »

⁴⁸ Pergunta de resposta estimulada e única por linha « Vou ler algumas frases sobre a expectativa do futuro e estabilidade financeira, para que me diga se concorda ou discorda de cada uma delas. Você concorda ou discorda? Totalmente ou em parte? »

Com relação às áreas de interesse em que gostariam de trabalhar, saúde e tecnologia são as mais citadas pelos jovens no levantamento quantitativo, com 25% e 22% respectivamente⁴⁹. Veja a lista completa no quadro a seguir.

Áreas de trabalho atraentes para os jovens brasileiros

As áreas a seguir são as de maior interesse dos entrevistados.

Saúde

**25%**

Hospital, clínica, cuidados e gastronomia

Tecnologia digital

**22%**

Tecnologia digital, programação, informática e internet

Comércio e vendas

**19%**

Comércio e vendas, loja, atendimento ao cliente e farmácia

Trabalho de escritório

**19%**

Administrativo

Educação

**16%**

Escola, dar aula e cursos

Beleza e estética

**14%**

Cabelo, maquiagem, etc.

Comunicação e Redes sociais

**13%**

Marketing, criação de conteúdo e jornalismo

Outras áreas citadas

**9%**

Fábrica ou produção

**9%**

Segurança pública ou privada

**7%**

Cultura

**6%**

Construção civil

**6%**

Economia verde

**5%**

Transporte e entregas

**3%**

Serviços do dia a dia



⁴⁹ Pergunta de resposta estimulada e múltipla < Pensando no seu futuro, em qual área você gostaria de trabalhar? >

Considerações finais

CAMINHOS PARA A INCLUSÃO PRODUTIVA



Caminhos para a inclusão produtiva

Tanto nas análises quantitativas como nos aprofundamentos qualitativos, este estudo permite tecer reflexões consolidadas sobre a forma como as juventudes de 16 a 29 anos vivenciam as transições entre a educação e o mundo do trabalho, a inserção produtiva, os fatores importantes para a permanência no mercado de trabalho atual e as perspectivas futuras.

Tais análises integradas apontam para considerações importantes sobre uma juventude proativa, que reconhece as próprias habilidades, está ciente dos limites do mundo do trabalho e sinaliza elementos importantes em relação ao futuro: 86% confiam nos próprios resultados no trabalho, 75% se sentem capazes de aprimorar habilidades em outras tarefas e 68% declaram ter um planejamento profissional estabelecido para suas vidas. Como ponto evidente de atenção, 61% expressam receio de não conseguir pagar as contas e garantir uma vida tranquila no futuro, ainda assim, há uma forte percepção (91%) de que, financeiramente, os jovens estarão melhores nos próximos cinco anos e que, inclusive, poderão alcançar patamares superiores de vida em relação aos próprios pais, como apontam 88% dos jovens brasileiros.

Com base nesse cenário, esta seção traz considerações e recomendações estruturadas em eixos estratégicos, com o objetivo de fortalecer ações de apoio à inclusão produtiva que considerem os diferentes contextos e perspectivas das juventudes.



Formação atrelada à ampliação de oportunidades práticas

Existe uma percepção de que a formação escolar não está totalmente alinhada ao que é exigido no cotidiano do mundo do trabalho: 90% dos jovens concordam que se aprende mais na prática do cotidiano de trabalho do que estudando. Por outro lado, há expressiva valorização da Educação Profissional e Tecnológica: 91% enxergam a formação técnica e profissionalizante como um caminho rápido para conseguir um emprego, e 88% concordam que ela prepara o aluno melhor do que o ensino tradicional. Quando questionados sobre o que um programa de apoio profissional deveria conter, 60% dos jovens priorizam cursos com aprendizagem prática aliada ao ensino teórico. Apesar disso, atualmente, apenas 11% dos estudantes estão matriculados na educação técnica ou profissional.

Apoio e orientação para o fortalecimento de redes formais

O ingresso das juventudes no mercado de trabalho ainda é fortemente dependente de redes informais e de relacionamentos pessoais. A família (46%) e os amigos ou conhecidos (40%) aparecem como as maiores referências para o jovem compreender como funciona a entrada no mercado. Em contrapartida, apenas 21% dos jovens indicam que a escola ou os professores foram os que mais ajudaram a orientar o seu início de carreira. Somada a esses pontos, há uma carência no acesso a programas formais: somente 24% dos jovens brasileiros relatam ter participado de mentorias, programas sociais ou cursos online focados em impulsionar a busca por emprego.

Recomendações

Elaborar políticas de expansão e fomento da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com qualidade e equidade como eixos prioritários de investimento e fomento. Adicionalmente, fortalecer as relações de integração da EPT com a EJA, uma vez que a busca por inserção ou recolocação no mercado de trabalho é o motivo de retorno aos estudos de cerca de um terço dos alunos que estiveram nessa modalidade de ensino.

Recomendações

Estruturar, fortalecer e descentralizar programas de orientação, mentorias e outras formações, de modo que estes possibilitem o diálogo direto com aspectos práticos de transição para o mundo do trabalho. Tais programas devem atuar na aproximação direta entre redes de ensino, juventudes, sociedade civil e setor produtivo, buscando ampliar o acesso ao mercado de trabalho sem que aspectos de indicação sejam majoritariamente considerados, fato amplamente colocado como um problema estrutural de acesso às oportunidades no mundo do trabalho.

Experiência e possibilidades de acesso

A falta de experiência é apontada por 49% dos jovens como a maior fonte de dificuldade para se obter um trabalho no momento atual. Para quem está começando, a exigência de experiência prévia funciona como um bloqueio ainda maior: embora programas de Jovem Aprendiz e estágio sejam valorizados por 96% dos jovens, 65% apontam que essas vagas são difíceis de conseguir e 64% destacam que estagiários e jovens aprendizes raramente são efetivados ao final do contrato. Em paralelo com isso, 96% dos jovens acreditam que possuir uma indicação faz diferença para a contratação, e 77% daqueles que trabalham ou já trabalharam efetivamente conquistaram vagas por esse meio.

Saúde mental e qualidade de vida para promoção de ambientes saudáveis

Os dados indicam que estabilidade e qualidade de vida são aspectos amplamente prioritários para as juventudes. Nesse sentido, a trajetória profissional precisa estar alinhada a ambientes de trabalho saudáveis. Ainda que o salário tenha sido considerado por 64% dos jovens como um fator de maior peso na escolha de um emprego, 62% declaram que aceitariam ganhar menos se isso significasse atuar em um ambiente com menos estresse, pressão psicológica e cobrança excessiva. Em paralelo, 69% dos jovens que trabalham relatam ter saído de algum emprego por vontade própria, sendo a falta de respeito ou o tratamento inadequado por líderes e chefes a principal causa para pedidos de demissão voluntária (43%), acompanhada por longas jornadas/acúmulo de funções (36%) e excesso de cobranças (32%).

Recomendações

Ampliar a oferta e o acesso descentralizado a vagas de estágio e Jovem Aprendiz, incluindo aspectos que envolvam o fortalecimento da fiscalização do cumprimento de cotas previstas na Lei da Aprendizagem pelo poder público, de modo que, atrelada às redes de formação, haja uma ação coordenada que aproxime metodologias, iniciativas e oportunidades das juventudes, escolas, espaços formativos e empregadores.

Recomendações

Fomentar e ampliar as estratégias formativas de desenvolvimento e clima organizacional para o setor produtivo, voltadas a ambientes de trabalho mais saudáveis, as quais incentivem o desenvolvimento de lideranças empáticas e de um clima organizacional seguro e que estabeleçam limites de produtividade, restringindo o acúmulo de funções e prezando pela saúde física, emocional e relacional das juventudes.

Desigualdades estruturais e inclusão produtiva

As barreiras de acesso e permanência no mercado de trabalho distribuem-se de maneira desigual para as juventudes, atingindo majoritariamente grupos que historicamente já enfrentam problemas estruturais por condições como raça, gênero, nível socioeconômico, território e contexto familiar. O bairro ou a região onde se mora desponta como a principal barreira física, dificultando a inserção ou permanência no emprego para 39% dos jovens. No recorte de gênero, a sobrecarga com responsabilidades de cuidado doméstico e familiar mantém 30% das mulheres fora do mercado, atingindo apenas 8% dos homens. Essa disparidade se agrava no acesso a redes de apoio: entre os jovens que trabalham e têm filhos, 79% dos pais relatam facilidade para contar com alguém para cuidar das crianças, proporção que cai para 58% entre as mães. No recorte de raça, a taxa de ocupação dos jovens brancos é de 73%, enquanto a de jovens negros é de 69%, com 11% dos jovens indicando que sua cor ou raça já representou uma barreira no trabalho.

Recomendações

Fomentar políticas públicas e práticas corporativas que mitiguem disparidades estruturais. Isso envolve apoiar a criação de redes de apoio para o cuidado de filhos (como a ampliação de vagas em creches), bem como, do ponto de vista dos empregadores, a promoção de processos seletivos inclusivos e estruturados que considerem critérios afirmativos e suporte específico para a entrada, a permanência e a qualificação, promovendo ambientes em que a inclusão produtiva atinja, de fato, as juventudes mais vulnerabilizadas.



REFERÊNCIAS

Produções e experiências internas da Fundação Itaú

Juventudes fora da escola

[Pesquisa](#)

[Sumário executivo](#)

[\(Re\)Qualificação das juventus para
um mundo em transformação](#)

[Percepções sobre as desigualdades no Brasil](#)

[Juventudes negras e empregabilidade](#)

[O futuro do mundo do trabalho
para as juventudes brasileiras](#)

[Pesquisa sobre clima escolar
e enfrentamento ao racismo na escola](#)

[Artes e esportes: relação com
desenvolvimento humano integral](#)

[Estudo da importância do Guri sobre
o desenvolvimento integral](#)

[Documento-base Educação Integral](#)

[Compromisso das Organizações da Sociedade Civil
pela Educação Integral em Tempo Integral](#)



ANEXO

Composição dos grupos focais da pesquisa qualitativa e critérios de classificação econômica

Metodologia	Qualitativa Discussões em grupo online – via Zoom com duração de aproximadamente 2 horas.
Amostra	16 grupos com no mínimo 6 participantes.
Praça	Todo o Brasil (mix de regiões, capital/RM e interior).
Perfil	Homens e mulheres de 16 a 29 anos, das classes A/B/C/D/E, que trabalham ou pretendem ingressar no mundo do trabalho.

SITUAÇÃO VS. TRABALHO	CLASSE SOCIAL	SUPERIOR OU TÉCNICO (concluído ou cursando)	SUPERIOR OU TÉCNICO (concluído ou não)	QTDE
Trabalhador CLT (18 a 29 anos)	AB	1 todas as regiões Empresas de todos os portes 8 participantes	×	5
	CDE	1 todas as regiões Médias e grandes empresas 8 participantes	1 todas as regiões Médias e grandes empresas 6 participantes	
	CDE	1 em todas as regiões Micro e pequenas empresas 7 participantes	1 em todas as regiões Micro e pequenas empresas 8 participantes	
Trabalhador Autônomo (18 a 29 anos)	AB	1 todas as regiões Capital e RM 8 participantes	×	5
	C	1 todas as regiões Interior 7 participantes	1 todas as regiões Capital e RM 7 participantes	
	DE	1 todas as regiões Capital e RM 7 participantes	1 todas as regiões Interior 7 participantes	
Não trabalham: em busca de inserção no mercado (18 a 29 anos)	C	1 todas as regiões Capital e RM 7 participantes	1 todas as regiões Interior 8 participantes	4
	DE	1 todas as regiões Interior 7 participantes	1 todas as regiões Capital e RM 6 participantes	
Estudantes do Ensino Médio da Rede (16 a 20 anos)	Qualquer classe social	1 todas as regiões Tempo Integral 7 participantes	1 todas as regiões Tempo Parcial 7 participantes	2

Composição dos grupos focais da pesquisa qualitativa e critérios de classificação econômica

RENDA FAMILIAR			
	CLASSES	VALOR <i>PER CAPITA</i> MÊS	RENDA DOMICILIAR MÉDIA/MÊS
CLASSE ALTA	CLASSE A	acima de R\$ 5.153,20 por pessoa	R\$ 24.993,18
	CLASSE B	R\$ 2.117,39 a R\$ 5.153,19 por pessoa	R\$ 9.194,99
CLASSE MÉDIA	CLASSE C1	R\$ 1.331,94 a R\$ 2.117,38 por pessoa	R\$ 5.120,62
	CLASSE C2	R\$ 916,36 a R\$ 1.331,93 por pessoa	R\$ 4.070,56
	CLASSE C3	R\$ 604,68 a R\$ 916,35 por pessoa	R\$ 2.868,36
CLASSE BAIXA	CLASSE D1	R\$ 336,63 a R\$ 604,67 por pessoa	R\$ 2.017,56
	CLASSE D2	R\$ 168,32 a R\$ 336,62 por pessoa	R\$ 1.122,12
	CLASSE E	até R\$ 168,31 por pessoa	R\$ 293,17



fundacaoitau.org.br



@fundacaoitau